

# HISTÓRIA ADMINISTRATIVA

## *Notas para a História da Reforma Administrativa no Brasil*

LUÍS CARLOS JÚNIOR

### 1.<sup>a</sup> Parte

*Panorama geral anterior a 1930*

#### CAPÍTULO XXV

##### A SUCESSÃO

QUANDO os círculos políticos nacionais começaram a cuidar da sucessão do Sr. Washington Luís, anuviaram-se, para logo, os horizontes.

A sucessão não apresentava, na realidade, qualquer dificuldade, estabelecido, como estava, de longa data, o rodízio São Paulo — Minas. Deveria caber, pacificamente, ao Sr. Antônio Carlos, que, então, ocupava o Palácio da Liberdade.

Mas o Sr. Washington Luís, que subira ao Catete com auxílio e apoio de Minas Gerais, resolvera não restituir o poder àquele Estado. Se, em face da Constituição, não podia reeleger-se, pretendia, ao menos manter as rédeas da política nacional, indicando para a Presidência outro candidato paulista, com quem mantinha as mais estreitas relações de amizade. Essa preferência teve o efeito de uma bomba lançada às quebradas da Mantiqueira. Era a ruptura de um pacto já tradicional e significava a supremacia de São Paulo, com a qual os mineiros não podiam conformar-se.

Os demais Estados, acostumados a acompanhar sempre o Catete, não divergem, a princípio, da política central, e o Sr. Getúlio Vargas, Presidente do Rio Grande do Sul, escreve ao Sr. Washington Luís uma longa carta em que, falando em “pescadores de águas turvas”, lhe assegura o apoio e a fidelidade dos pampas.

Com a aquiescência ou passividade dos principais responsáveis pela política nacional, parece triunfante, ainda no nascedouro, a candidatura do

Presidente de São Paulo, Dr. Júlio Prestes de Albuquerque.

O Sr. Antônio Carlos não iria, porém, deixar-se despojar, sem protesto, de um bem que a tradição republicana parecia assegurar-lhe. Político consumado, elegante esgrimista de punhos de rendas, rompe ostensivamente com o Catete e lança, em nome de Minas a candidatura do Sr. Getúlio Vargas à Presidência da República.

O golpe é magistral. Se Minas e São Paulo eram dois pratos da balança nacional, o Rio Grande do Sul era o fiel dessa balança. A vitória estaria com o lado para o qual pendesse o fiel. Nossa história republicana ensina que o apêlo dos gaúchos é decisivo nas divergências entre os mineiros e paulistas, e o Andrada tinha de cór a lição. O trunfo foi lançado à mesa.

O Sr. Getúlio Vargas não aceitou, entretanto, com entusiasmo, o lançamento de seu nome. Sabia que as oposições jamais venciam no Brasil. Vinha de ser Ministro do Sr. Washington Luís e fôra êste quem o colocara na cadeira em que o Sr. Borges de Medeiros parecia haver adquirido vitaliciedade. Sua posição estava firmada no situacionismo nacional. Os azares de uma campanha eleitoral, fadada ao resultado das que até então se haviam travado no país, não podiam seduzí-lo.

Por mais de uma vez em cartas divulgadas pela imprensa, o Sr. Getúlio Vargas se dirigiu ao Presidente Washington Luís, considerando aberta a questão das candidaturas e declarando estar pronto a retirar o seu nome, desde que o do Sr. Júlio Prestes fôsse também substituído, ainda que pelo de outro político paulista. Chegou, mesmo, a sugerir as candidaturas dos Srs. Manuel Vilaboim e Altino Arantes o primeiro *leader* da maioria na Câmara dos Deputados, e, o segundo, antigo Presidente de São Paulo.

O Sr. Washington Luís não era, entretanto, homem para ceder. Uma vez iniciado qualquer empreendimento, levá-lo-ia até ao fim.

Os apelos e sugestões do Presidente do Rio Grande do Sul não encontraram eco. "Vamos para a luta", é a frase com que remata a questão o estadista que iniciara a vida em Batatais. A seus olhos desliza maliciosamente o famoso comboio de vinte vagões vazios. Mas a locomotiva que o puxa não é S. Paulo, como na celebrizada ficção — é a máquina eleitoral, forte, pujante, expelindo fagulhas de poderio incoercível.

Quem criou a figura esqueceu-se dos desastres ferroviários, mas a verdade é que ninguém se lembra dessas trágicas possibilidades no início de uma viagem. Por isso, de lado a lado, as hostes se põem em marcha. Arregimentam-se as facções. Pesam-se as probabilidades. Desfraldam-se as bandeiras.

A chapa governista é formada pelo Sr. Júlio Prestes, Presidente de São Paulo, e pelo Sr. Vital Soares, Governador da Bahia. A chapa oposicionista reúne o Sr. Getúlio Vargas, Presidente do Rio Grande do Sul, e o Sr. João Pessoa, Governador da Paraíba do Norte.

A oposição parece forte. O Sr. Antônio Carlos soubera lançar em boas bases a "Aliança Libe-

ral". Apoiam-na três ex-Presidentes da República, os Srs. Wenceslau Braz, Epitácio Pessoa e Artur Bernardes.

A campanha eleitoral atinge a proporções excepcionais e São Paulo, onde acabara de fundar-se o Partido Democrático, tendo à frente figuras como os Srs. José Carlos de Macedo Soares, Francisco Morato e Paulo de Morais Barros, recebe em delírio os candidatos Getúlio Vargas e João Pessoa, em excursão de propaganda.

Os prognósticos não são totalmente otimistas quanto à vitória do candidato oficial. O povo parece ter progredido em sua educação política. Minas, Rio Grande e Paraíba formam um bloco em que a dissidência dos Srs. Melo Viana e Viana do Castelo não chega a aparentar uma fenda. São Paulo não apresenta a mesma unanimidade. Restam, todavia, muitos redutos e a máquina está pronta a funcionar.

Fere-se o pleito. Ambas as facções se consideram vitoriosas, mas o Sr. Júlio Prestes é reconhecido pelo Congresso. Confirma-se, assim, a tradição eleitoral brasileira.

O horizonte, todavia, é turvo. A luta acabou, mas a paz não parece disposta a firmar-se entre os contendores. E' grande, muito grande o número de descontentes.